

Caçadores, negociantes e museus: Ferdinand Schwanda e o comércio internacional de espécimes científicos, 1905-1913

Enviado em:

02/12/2012

Aprovado em:

04/2013

Diego Amorim Grola

Mestrando em História Social pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP
diegogrola@yahoo.com.br

Resumo

Neste artigo, ao examinarmos a atuação de Ferdinand Schwanda, coletor de espécimes para uso científico atuante no Maranhão no princípio do século XX, pretendemos contribuir para o entendimento do papel do comércio de espécimes na construção das ciências naturais. Objetivamos analisar como, travando relações com Hermann von Ihering, diretor do Museu Paulista, Schwanda reunirá condições para se estabelecer como coletor profissional e passar a integrar as redes de comércio de espécimes que conectam caçadores, negociantes e museus instalados em ambos os lados do Atlântico.

208

Palavras-Chave

Comércio de espécimes; história dos museus; cultura material

Abstract

This paper addresses the role of Ferdinand Schwanda, collector of scientific specimens that operates in Maranhão in the early twentieth century. We aim to understand the role of the specimens' trade in the construction of the natural sciences. We will discuss how, through relationships with Hermann von Ihering, director of the Museu Paulista, Schwanda manages to establish itself as a professional collector and becomes part of the networks of trade in specimens that connect hunters, dealers and museums installed on both sides of the Atlantic.

Keywords

Trade of specimens; history of museums; material culture

Introdução

No período que vai de meados do século XIX até o princípio do XX, observa-se grande desenvolvimento dos museus de História Natural. Os museus nesse período configuram-se como espaços institucionais destinados à produção de conhecimentos em moldes considerados científicos, bem como lugares onde o público pode visualizar, por meio de exposições cada vez mais elaboradas, uma natureza ordenada segundo os critérios da ciência.¹

Mas como, exatamente, os museus elaboram e veiculam conhecimentos e representações sobre o mundo natural? Parece importante tomar como patamar de análise que tais instituições não desempenham suas atividades de forma abstrata. Ao contrário, elas o fazem por meio de objetos palpáveis: os espécimes científicos – os quais são mobilizados para produzir conhecimentos socialmente legitimados e veicular representações da natureza.

Tanto o desenvolvimento de conhecimentos em moldes considerados científicos, quanto a formulação de representações acerca do mundo natural por meio das exposições, dependem, portanto, da capacidade de formar coleções – isto é, da capacidade de coletar, preparar e armazenar amostras do mundo natural.

Para tanto, os museus contarão com funcionários envolvidos na coleta de plantas, animais, rochas, minerais, fósseis, objetos arqueológicos e etnológicos. No que se refere ao Museu Paulista, caso que conhecemos melhor, existia apenas um funcionário encarregado de realizar as coletas – um naturalista viajante –, embora eventualmente outros membros do estafê também fossem a campo em busca de materiais para o Museu.²

Além das coletas empreendidas por seu próprio corpo funcional, os museus contavam com alguns outros mecanismos de aquisição de espécimes científicos: doações, permutas e compras.

A aquisição de espécimes por meio de compra parece ter sido particularmente relevante para o crescimento das coleções dos museus de História Natural. O comércio de espécimes científicos era prática bastante comum, envolvendo

1 Sobre a história dos Museus de História Natural no Brasil, ver LOPES, 1997. Para um exame histórico de alguns dos principais museus europeus e americanos, ver ALVES, 2004.

2 Aberto ao público em 1895, o Museu Paulista teve como seu primeiro diretor o zoólogo alemão naturalizado brasileiro Hermann von Ihering, o qual dirigiu o Museu entre 1894 e 1916. Nesse período inicial, a instituição era sobretudo, embora não apenas, um museu de História Natural. Sobre o período inicial do Museu Paulista, ver ALVES, 2001, ELIAS, 1996, LOPES, 1997 e MORAES, 2008. Para dados biográficos de Hermann von Ihering, ver LOSANO, 1992.

diversos agentes, que em alguns casos chegavam a atuar de modo bastante formal – verdadeiros negociantes de espécimes.

De acordo com Barrow, durante a segunda metade do século XIX, naturalistas europeus e americanos frequentemente exerciam atividades comerciais ligadas à História Natural. O que, em alguns casos, era apenas um meio temporário ou esporádico de obter algum dinheiro, em outros se tornava um empreendimento mais sistemático e de longo prazo. Segundo o autor, no final do século XIX, mais de uma centena de negociantes de espécimes estavam em atuação nos Estados Unidos.

Em seu artigo, Barrow examina mais detidamente quatro grandes estabelecimentos comerciais dedicados à venda de espécimes – como o Ward's Natural Science Establishment, que por volta de 1880 possuía 15 prédios e 22 funcionários. Conforme esse autor, tais empreendimentos teriam desempenhado papel fundamental na grande expansão dos museus americanos de História Natural ocorrida nas três últimas décadas do século XIX, já que tais empresas foram responsáveis por abastecer esses museus com grande número de espécimes.

210

Essas grandes casas comerciais trabalhavam com uma ampla rede de coletores, além de patrocinarem expedições de maior vulto. Vendiam tanto para colecionadores privados e instituições de ensino quanto para grandes museus. Além de anunciarem em periódicos de História Natural, as empresas distribuíam catálogos e chegavam, em alguns casos, a editar seus próprios periódicos (BARROW, 2000).

Na Europa também existiram diversos negociantes de espécimes científicos. Reiling e Spunarová tratam de um desses negociantes, o tcheco Václav Frič (1839-1916). A loja de Frič em Praga comercializava, além de espécimes, objetos para auxiliar o ensino de ciências naturais. Além de vender para instituições tchecas, o negociante exportava produtos para clientes de outros países europeus (REILING e SPUNAROVÁ, 2005). No caso latino-americano, Podgorny examinou o envolvimento de eruditos, na primeira metade do século XIX, no comércio de manuscritos e ossos fósseis provenientes do território do antigo vice-reinado do Rio da Prata (PODGORNY, 2011).

No Brasil, pouco se escreveu sobre o comércio de espécimes científicos

nos séculos XIX e XX.³ No caso do Museu Paulista, sabemos que era comum a prática de compra de espécimes, tanto de coletores que atuavam no país quanto de casas comerciais sediadas na Europa.

Documentos existentes no acervo do Museu, como recibos de compra, registros em livros de aquisição e cartas trocadas com o diretor da instituição, indicam-nos ao menos nomes de indivíduos residentes no Brasil dos quais o Museu comprava espécimes. Figuras como: Otto Dreher, Ernesto Garbe, Mathias Wacket, Francisco Günther, Ricardo Krone, Christiano Enslin, Hellmuth Pinder, Adolph Hempel, Ferdinand Schwanda, entre outros.

Além disso, o Museu Paulista adquiria espécimes comercializados por casas europeias especializadas (e também de uma sediada nos EUA, justamente o Ward's Natural Science Establishment, a grande empresa americana à qual nos referimos anteriormente). A maioria das encomendas vinha de negociantes alemães: Hermann Rolle e seu "Kosmos – Naturhistorisches Institut"; Wilhelm Schlüter; Otto Staudinger e seu sócio Andreas Bang-Hass; além de J. F. G. Umlauff. Muitas relações também foram travadas com a casa londrina de William Frederick Henry Rosenberg. O museu adquiria ainda, em menor escala, material científico de diversos outros negociantes europeus (GROLA, 2012).

211

De qualquer modo, a questão do comércio de espécimes no Brasil ainda foi pouco abordada. Examinar o caso de um único ator envolvido nessa rede comercial pode ser então uma contribuição interessante para se começar a pensar sobre o papel de tais agentes na construção de conhecimentos sobre a natureza sul-americana pelas ciências naturais.

Neste artigo, examinaremos então a atuação de Ferdinand Schwanda, coletor autônomo residente no Maranhão. Schwanda, além de vender espécimes para o Museu Paulista, manteve correspondência com seu diretor, Hermann von Ihering, correspondência essa que apresenta elementos os quais nos possibilitam

3 Duarte tratou do comércio de penas de aves brasileiras e do aparecimento dos primeiros discursos apontando o perigo dessa atividade para a avifauna nacional. Segundo a autora, o Brasil exportou, entre 1901 e 1905, uma soma de cerca de 600 quilos de penas, e, entre 1910 e 1914, um total de 20 mil quilos. A autora se refere ainda a um comércio de couros de pássaros, indicando que, no Rio de Janeiro, uma só fazenda exportava por ano 20 mil couros de beija-flores para a França. Todavia, a questão do comércio de animais para fins científicos está fora do horizonte de interesse da autora. Ver DUARTE, 2006.

refletir sobre sua atuação enquanto caçador e negociante de espécimes científicos.⁴ Nossa análise da correspondência enfatizará como o estabelecimento de relações entre Schwanda e Ihering será fundamental para que o primeiro possa obter algum sucesso enquanto coletor e vendedor de espécimes científicos no Brasil. As relações mantidas com o diretor do Museu Paulista permitirão a Schwanda mais facilmente expedir os espécimes para compradores europeus, bem como obter os suprimentos necessários para suas atividades de coleta.

Ferdinand Schwanda

Mas, afinal, quem foi Ferdinand Schwanda? Por que se estabeleceu no Brasil? Qual sua relação com as instituições científicas e com o mercado de espécimes de História Natural? Como suas atividades colaboraram com o desenvolvimento de conhecimentos sobre a natureza brasileira?

Pouco sabemos sobre Schwanda. Supomos que tenha nascido em algum país germânico, uma vez que suas cartas dirigidas a Ihering são redigidas em alemão. De acordo com Hellmayr, ele se estabeleceu no Maranhão em 1905, de onde passou a enviar espécimes para a Europa. Hellmayr teve oportunidade de examinar materiais coletados por Schwanda pertencentes ao Museu Paulista e a diversos museus europeus, como o Museu de História Natural em Tring, o Museu Real de História Natural de Sófia, Bulgária, além dos museus de Viena, Munique e Frankfurt am Main. Ainda segundo o ornitólogo austríaco, Schwanda coletou inicialmente em São Luiz, Boa Vista e Primeira Cruz, tendo, mais tarde, passado a atuar na região de Miritiba – todos no Maranhão (HELLMAYR, 1929: 235-238).

De acordo com Ihering, Schwanda faleceu em 10/06/1913 (IHERING, 1914: 231-232). Após sua morte, seu filho J. Karl Schwanda continuou a fornecer espécimes para o Museu Paulista, conforme atestam documentos encontrados no acervo do Museu.

Não temos maiores informações sobre a vinda de Schwanda para o Brasil. É possível que já trabalhasse como caçador profissional, pois em carta a Ihering

4 Existem, no Arquivo do Museu Paulista, 20 cartas enviadas por Ferdinand Schwanda. Embora o destinatário não seja nominado, presume-se que as cartas são endereçadas a Hermann von Ihering. Das 20 cartas, todas redigidas em alemão, 7 contam com traduções para o português, de autoria desconhecida, armazenadas junto aos documentos originais. Utilizamos a expressão “tradução anexa” para indicar a existência de tal tradução. Além disso, existem no Arquivo registros de compra e recibos referentes a espécimes adquiridos de Schwanda, bem como cartas de outros emissores que fazem referência ao coletor.

refere-se ao fato de ter percorrido outras regiões do mundo – afirma já ter estado em todo o sul da Europa, no oeste asiático e no norte da África.⁵ Pode-se supor que tenha realizado essas viagens a fim de coletar espécimes de História Natural. Mas não sabemos se viajou por conta própria, ou se suas expedições foram comissionadas por alguma instituição científica ou por algum comerciante de espécimes científicos.

No caso de sua estada no Brasil, tudo indica que tenha se estabelecido no país por conta própria, na expectativa de vender o produto de suas coletas para museus ou para revendedores de espécimes sediados na Europa. Afinal, a correspondência mantida com Ihering trata da venda de espécimes não só para o Museu Paulista, como para institutos científicos e negociantes sediados no velho continente.

Podemos saber um pouco mais sobre a atuação de Schwanda por meio dessas cartas por ele enviadas ao Museu Paulista. Nelas, o coletor trata, sobretudo, de assuntos relativos às transações comerciais mantidas com o Museu: oferece determinados espécimes por ele caçados, cobra pagamentos devidos, etc. Além disso, aborda, por vezes, outros dois assuntos sobre os quais nos interessa tratar aqui. Primeiro, o envio de espécimes para outros clientes. Segundo, as dificuldades em obter os suprimentos necessários para as atividades de coleta, preparação e envio de espécimes.

213

Buscando clientes

Comercializar os espécimes coletados no Brasil nem sempre era tarefa fácil. Fazia-se necessário encontrar clientes interessados em adquiri-los por preços que valessem a pena para o coletor – já que os custos com frete e com aquisição dos suprimentos para caça, preparação e envio eram altos.

Sendo assim, Schwanda estaria sempre em busca de clientes com os quais pudesse realizar negócios vantajosos. Já na primeira carta remetida a Ihering existente no Arquivo do Museu Paulista, o caçador solicita que o diretor do Museu o comunique caso surja um bom cliente no Rio ou em São Paulo: “Eu peço a vossa senhoria que, se em São Paulo ou no Rio existir uma loja de produtos de História Natural séria, faça a gentileza de me enviar o endereço, para que eu me livre do

5 Carta, em alemão, de Ferdinand Schwanda [a Hermann von Ihering], Miritiba, 27/09/1907. Arquivo Permanente do Museu Paulista/Fundo Museu Paulista (APMP/FMP), Série Correspondência.

meu estoque atual (...)” (trad. nossa).⁶

Conversas posteriores com o diretor do Museu versarão sobre o interesse de Schwanda em encontrar algum revendedor que pudesse ficar com todo o material por ele coletado. Diz que seu ideal seria localizar uma firma que aceitasse tudo aquilo que Ihering não desejasse.⁷ Escoando toda a sua produção para um só destino, supomos, seriam poupados custos com transporte, além de se evitar o encalhe de mercadorias. Todavia, não sendo factível essa situação ideal, Schwanda se via obrigado a recorrer a mais de um cliente.

Mesmo precisando diversificar seu leque de compradores, foi aprofundando suas relações com um desses clientes – o Museu Paulista, por meio de seu diretor, Hermann von Ihering – que Schwanda conseguiu criar as condições necessárias para seu estabelecimento como coletor profissional no Brasil. Schwanda e Ihering fizeram um acordo pelo qual o primeiro deveria enviar ao Museu Paulista o produto total de suas coletas. Com todo esse material em São Paulo, Ihering escolhia o que interessava ao seu Museu e providenciava o envio do restante à Europa – sendo que caberiam ao Museu Paulista as despesas tanto do transporte do Maranhão até São Paulo, quanto de São Paulo para a Europa.⁸

214

Desse modo, o Museu Paulista tinha a vantagem de poder escolher o que lhe interessasse das coletas de Schwanda antes que qualquer outro cliente o fizesse. E contava ainda com a vantagem de ter as peças em mãos para poder fazer a escolha – não ficando refém de catálogos –, podendo assim conferir a qualidade do material e se a espécie correspondia ao apontado pelo coletor. Schwanda, por seu lado, teria a vantagem de ter as despesas com transporte até a Europa (bem como até São Paulo) pagas pelo Museu Paulista.

Expedidas a partir do Museu Paulista, ou então diretamente do Maranhão, remessas de espécimes coletados por Schwanda serão enviadas a instituições científicas e revendedores de espécimes na Europa.

No que se refere às instituições científicas, na correspondência enviada a

6 “Ich bitte Euer Hochgeboren, wenn in S. Paulo oder in Rio ein reelles Naturaliengeschäft existirt mir güthigst die Adreße zukommen laßen, damit ich meinen gegenwärtigen Vorrath los werde (...)”. Carta, em alemão, de Ferdinand Schwanda [a Hermann von Ihering], Boa Vista, 14/08/1906. APMP/FMP, Série Correspondência. No caso das transcrições de trechos de documentos em língua estrangeira, optamos por manter a grafia original.

7 Carta, em alemão, de Ferdinand Schwanda [a Hermann von Ihering], Boa Vista, 04/02/1907. APMP/FMP, Série Correspondência.

8 Carta, em alemão, de Ferdinand Schwanda [a Hermann von Ihering], Miritiba, 27/09/1907. APMP/FMP, Série Correspondência.

Ihering, o caçador dá informações sobre o envio de espécimes para o Museu de História Natural em Tring, Inglaterra, e à Direção dos Institutos Científicos e da Biblioteca do Príncipe da Bulgária, em Sófia. Conforme já indicamos, Hellmayr menciona ter consultado materiais coletados por Schwanda em outros museus europeus. Mas não saberíamos dizer se tais materiais foram vendidos diretamente para essas instituições pelo próprio Schwanda, ou se o foram por revendedores de espécimes com os quais o caçador também mantinha relações comerciais.

Quanto a esses negociantes de espécimes instalados na Europa, a correspondência enviada a Ihering nos permite saber que Schwanda forneceu materiais aos revendedores alemães Wilhelm Schlüter, Hermann Rolle e Otto Tockhorn, bem como para o londrino William Rosenberg.

No que se refere a Schlüter,⁹ Schwanda diz a Ihering, em carta datada de 1906, que havia enviado ao negociante alemão uma coleção de mamíferos, bem como sua produção de peles de aves do ano todo.¹⁰ Aparentemente, as relações comerciais com Schlüter devem ter se mantido, já que ele volta a ser citado por Schwanda em duas cartas de 1909 – em uma delas, Schwanda comenta com o diretor do Museu Paulista que, por conta das chuvas, toda a coleta de um ano não pôde, até aquele momento, ser enviada ao negociante.¹¹

215

Schwanda também manteve relações comerciais com o revendedor alemão Hermann Rolle,¹² mas interrompeu tais negócios devido a divergências quanto ao valor pago pelos espécimes enviados. Pelo menos é isso que ele informa a Ihering. Em carta de 1907, Schwanda se refere a Rolle como um trapaceiro e pede para o diretor do Museu Paulista não voltar a enviar ao revendedor alemão espécimes

9 Wilhelm Schlüter (1828-1919), nascido na Alemanha, filho de um entomólogo e malacologista, fundou em 1853 sua empresa fornecedora de espécimes e suprimentos para História Natural, situada em Halle an der Saale. A partir do final do século XIX, a loja passou a ser dirigida por seus filhos. Ver dados biográficos em Zobodat – Banco de dados biogeográficos mantido pelo Centro de Biologia do *Oberösterreichische Landesmuseen* (Linz, Áustria), disponível em <http://www.zobodat.at>.

10 Carta, em alemão, de Ferdinand Schwanda [a Hermann von Ihering], Boa Vista, 14/08/1906. APMP/FMP, Série Correspondência.

11 Cartas em alemão, com traduções anexas, de Ferdinand Schwanda [a Hermann von Ihering], Miritiba, 29/01/1909 e 30/05/1909. APMP/FMP, Série Correspondência.

12 O alemão Franz Hermann Rolle (1864-1929) iniciou seu negócio de venda de espécimes de História Natural – “Kosmos - Naturhistorisches Institut” – em 1889 em Berlim. Ver <http://www.zobodat.at>.

seus.¹³ Já em carta do ano seguinte, justificando sua falta de interesse na coleta de borboletas – material que lhe havia sido solicitado pelo revendedor alemão Otto Tockhorn –, Schwanda relata que teve uma experiência negativa envolvendo Rolle:

Borboletas, que são seu principal desejo [de Otto Tockhorn], infelizmente não lhe posso enviar, porque eu tive experiências muito ruins a respeito. O preço prometido nunca é completamente pago, mas sim a coisa é censurada de todos os lados. Assim Rolle, em Berlim, deu-me absolutamente nada por mil borboletas (...) (trad. nossa).¹⁴

O caçador atuante no Maranhão também destinou espécimes para o negociante londrino William Rosenberg.¹⁵ Nesse caso, a colaboração do diretor do Museu Paulista com Schwanda parece ter sido ainda mais estreita. Além de providenciar o envio dos materiais para a Europa, arcando com as despesas de transporte – conforme o acordo já descrito –, Ihering facilitou a atuação de Schwanda no Brasil intermediando seus contatos comerciais com Rosenberg.

Em carta de fevereiro de 1907, Schwanda pergunta a Ihering se é preciso escrever algo a Rosenberg, ou se bastaria aguardar.¹⁶ Sinal de que Ihering já havia feito contato com o negociante londrino, oferecendo-lhe espécimes coletados por Schwanda, ou mesmo lhe enviado uma remessa.

Ainda em 1907, Schwanda lembra Ihering de que o mesmo havia enviado, no ano anterior, uma remessa de 59 peles de pássaros para Rosenberg, pela qual ele, Schwanda, ainda não havia recebido nada. Diz então para Ihering não voltar a enviar espécimes seus para Rosenberg:

13 Carta, em alemão, de Ferdinand Schwanda [a Hermann von Ihering], Miritiba, 27/09/1907. APMP/FMP, Série Correspondência.

14 “Schmetterlinge was sein Hauptwunsch ist kann ich ihm leider keine senden, weil ich in dieser Hinsicht sehr schlechte Erfahrungen gemacht habe der versprochene Preis wird nie voll ausgezahlt sondern wird die Sache von allen Seiten bemängeln so hat mir Rolle in Berlin für 1000 Schmetterlinge absolut nichts gegeben (...)”. Carta, em alemão, de Ferdinand Schwanda [a Hermann von Ihering], Miritiba, 12/09/1908. APMP/FMP, Série Correspondência.

15 William Frederick Henry Rosenberg (1868-1957) iniciou suas atividades como comerciante de espécimes de História Natural em 1897. Poucos anos antes de iniciar seu negócio, o próprio Rosenberg realizou duas expedições à Colômbia e ao Equador. Após dar início à sua empresa, empregou por dois anos, 1898 e 1899, coletores nessas regiões, os quais lhe abasteciam de espécimes. Também recebia espécimes de diversos outros coletores instalados em várias partes do globo. Ver <http://www.zobodat.at>.

16 Carta, em alemão, de Ferdinand Schwanda [a Hermann von Ihering], Boa Vista, 04/02/1907. APMP/FMP, Série Correspondência.

Por isso, peço-lhe para não enviar novamente minhas coisas que aí estão a Rosenberg & Son em Londres, nem ao trapaceiro do Rolle em Berlim, mas sim à prezada Direção das Instituições Científicas e da Biblioteca de Sua Alteza o Príncipe da Bulgária, em Sófia, Bulgária, através de um comissário de Hamburgo (...) (trad. nossa).¹⁷

Mais tarde, o caçador voltaria atrás, indicando a Ihering que os materiais sem serventia para o Museu Paulista deveriam continuar seguindo para Londres, já que os preços praticados por Rosenberg eram muito bons, segundo o próprio Schwanda.¹⁸ O caçador referir-se-á outras vezes a Rosenberg nas cartas remetidas a Ihering, sempre pedindo informações sobre seus espécimes enviados ao negociante londrino e cobrando o recebimento dos pagamentos devidos.

Mais tarde, em carta de 1909, Schwanda diz que ele mesmo entrou em contato com Rosenberg, o qual aceitou receber mais remessas suas para venda. Acrescenta que ele pretendia efetivar o negócio, já que os preços praticados pelo revendedor londrino eram muito vantajosos.¹⁹ Schwanda parece ter preferido tomar as rédeas das negociações com Rosenberg – tanto é assim que, nas demais cartas existentes no Arquivo do Museu Paulista, o revendedor inglês não é mais mencionado.

Algumas cartas remetidas por Rosenberg a Ihering permitem-nos entender mais detalhadamente como se dava essa relação entre o coletor Schwanda, o Museu Paulista e os comerciantes europeus. As três cartas remetidas por Rosenberg, ao longo do primeiro semestre de 1908, tratam de um conjunto de espécimes coletados por Schwanda e enviados a Londres a fim de que fossem vendidos pelo negociante inglês. A primeira carta informa:

Eu incluo declaração de espécimes vendidos até o Natal de 1907 para o Sr. Schwanda, apresentando um saldo a este crédito de £ 11.11.7. Você faria a gentileza de me informar como devo dispor desse montante.

17 “Ich bitte Sie daher[?] meine dort liegenden Sachen nicht wieder an Rosenberg & Son in London und ja nicht an den Gauner Rolle in Berlin sondern:/ An die geehrte/ Direction der wissenschaftlichen Institutionen und der Bibliothek/ S. R. Hoheit des Fürsten von Bulgarien/ in Sofia Bulgarien/ durch einen Hamburger Comiõner (...) senden zu wollen.” Carta, em alemão, de Ferdinand Schwanda [a Hermann von Ihering], Miritiba, 27/09/1907. APMP/FMP, Série Correspondência.

18 Cartas, em alemão, de Ferdinand Schwanda [a Hermann von Ihering], Miritiba, 15/03/1908 e 05/09/1908. APMP/FMP, Série Correspondência.

19 Carta em alemão, com tradução anexa, de Ferdinand Schwanda [a Hermann von Ihering], Miritiba, 07/09/1909. APMP/FMP, Série Correspondência.

Devo transferi-lo para o crédito do Museu de São Paulo, se você estiver apto a ordenar espécimes até esse valor, de modo que você pode então pagar o dinheiro real para o senhor Schwanda.²⁰

Na segunda carta, Rosenberg informa que envia anexo um cheque para Schwanda. Sinal de que Ihering preferiu que o próprio negociante inglês pagasse o caçador, ao invés de o Museu o fazer em troca de ficar com o saldo das vendas para ser utilizado futuramente adquirindo espécimes da casa londrina. Além disso, informa que ainda estavam sob sua posse cerca de 190 pássaros, 16 mamíferos, 7 crâneos antigos e 3 lagartos pertencentes a Schwanda. Por fim, afirma ter esperanças de conseguir vender muitos desses materiais e pede paciência ao coletor: “Se o Sr. Schwanda tiver paciência, eu farei o meu melhor por ele, eu irei pelo menos me esforçar para obter bons preços (...)”.²¹

Na terceira carta, Rosenberg informa que havia vendido espécimes de Schwanda que somavam £ 3.12.- e que lançaria esse valor como crédito em favor do Museu Paulista, pedia então que Ihering pagasse a Schwanda a soma correspondente.²²

Os documentos indicam que Ihering, enquanto diretor do Museu Paulista, mais do que providenciar o despacho dos espécimes que não lhe interessavam para os endereços indicados por Schwanda, encarregava-se ele mesmo de intermediar os contatos com os compradores – ao menos no caso do negociante inglês. No caso relatado, por vezes o próprio diretor pagava o coletor em troca de créditos a serem utilizados na aquisição de outros espécimes comercializados por Rosenberg.

218

20 “I enclose statement of specimens sold to Christmas 1907 for c/c[?] of Mr. Schwanda, showing[?] a balance to this credit of £ 11.11.7. Will you kindly let me know how I am to dispose of this sum. Shall I transfer it to the credit of the S. Paulo Museum, when you will be able to order specimens to that value, so[?] you can[?] then pay the actual money to Mr. Schwanda.” Carta, em inglês, de W. F. H. Rosenberg a Hermann von Ihering, Londres, 08/01/1908. APMP/FMP, Série Prestação de contas.

21 “If Mr. Schwanda will have patience I will do my best for him, I will at least endeavour to obtain good prices (...)”. Carta, em inglês, de W. F. H. Rosenberg a [Rodolpho] von Ihering, Londres, 18/03/1908. APMP/FMP, Série Prestação de contas.

22 Carta, em inglês, de W. F. H. Rosenberg a Hermann von Ihering, Londres, 26/06/1908. APMP/FMP, Série Prestação de contas.

Suprimentos

Assim como encontrar bons clientes, remeter os espécimes coletados para os compradores interessados não era tarefa fácil. Conforme atestam as várias queixas de Schwanda em suas cartas a Ihering, era preciso lidar com as incertezas e inseguranças dos correios e dos sistemas de transporte de mercadorias – cartas e encomendas que nunca chegavam, inclusive os pagamentos, deixando o coletor em apuros financeiros por diversas vezes. Além disso, era preciso obter os suprimentos necessários para caçar os animais, prepará-los e os embalar adequadamente – tais suprimentos, quando não eram inexistentes em território maranhense, eram muito caros.

As relações mantidas com o diretor do Museu Paulista serão então fundamentais para viabilizar o trabalho de Schwanda. Não apenas no que se refere ao fato de o museu intermediar o envio de espécimes para a Europa, mas também no que diz respeito a Ihering providenciar o envio para Schwanda de suprimentos necessários para seu trabalho (vidros, caixas, munição, etc.).

Schwanda reclama diversas vezes das condições de vida e de trabalho, particularmente das dificuldades em obter os suprimentos necessários às suas atividades de coleta. Em carta de 1907, por exemplo, diz que até o momento não conseguiu abater pássaros pequenos, devido ao fato de não ter chumbo fino. Acrescenta que, embora uma encomenda de 5 kg de tal chumbo lhe tivesse sido enviada da Europa, o material se encontrava retido na Alfândega.²³

Em outra carta do mesmo ano, o caçador informa que os peixes dos riachos e lagos locais por ele coletados tinham se estragado, já que lhe tinha sido impossível conservá-los da maneira adequada. Como não encontrava espírito por lá, conservou os peixes em cachaça, mas, devido à má qualidade da mesma e à longa espera para a expedição do material, acabou por perder os animais.²⁴

Sendo impossível obter tais suprimentos no interior do Maranhão, e enfrentando dificuldades para os importar da Europa, Schwanda precisará novamente recorrer à ajuda do diretor do Museu Paulista para viabilizar sua atuação enquanto coletor de espécimes científicos no Brasil. Ihering enviará de São Paulo alguns dos suprimentos imprescindíveis às atividades do caçador.

23 Carta, em alemão, de Ferdinand Schwanda [a Hermann von Ihering], Boa Vista, 04/02/1907. APMP/FMP, Série Correspondência.

24 Carta, em alemão, de Ferdinand Schwanda [a Hermann von Ihering], Boa Vista, 15/04/1907. APMP/FMP, Série Correspondência.

Em carta de 1907, Schwanda pede a Ihering que lhe envie alguns frascos de gargalo grande, ou latas de conservação que sejam fáceis de soldar, bem como vidros pequenos para insetos. Solicita também 5 kg de chumbo fino para que possa atirar em pássaros pequenos.²⁵

Mas, mesmo com a ajuda de Ihering, a situação deveria ser muito diferente daquela com a qual Schwanda estava habituado na Europa – onde os negociantes de espécimes científicos deveriam comercializar também equipamentos e suprimentos especialmente confeccionados para as atividades de coleta.²⁶

Alguns meses após a primeira carta, em nova missiva, Schwanda se refere às latas cilíndricas enviadas por Ihering. Diz ter imaginado que o diretor lhe enviaria latas ou vidros de conservação com fecho mecânico de pressão. Segundo o caçador, as latas enviadas por Ihering eram muito difíceis de soldar, de modo que teria sido melhor usar latas de querosene no lugar delas. Reclama ainda do fato de ele ter que arcar com o custo das latas e também do valor alto pago pelas mesmas – segundo ele, na Europa elas custariam bem menos.²⁷

Mesmo assim, Schwanda continuaria contando com a colaboração de Ihering para adquirir alguns suprimentos – munições, ao menos. Em carta de 1909, o coletor pede para o diretor do Museu Paulista não lhe enviar as 3 mil balas Mauser que havia pedido, pois tinha bastante delas.²⁸ Alguns meses mais tarde, em nova carta, Schwanda diz que não tem mais utilidade para o chumbo fino, já que, sem munição, viu-se obrigado a vender sua espingarda por uma ninharia e, em lugar dela, comprou uma espingarda de vareta.²⁹

220

25 Carta, em alemão, de Ferdinand Schwanda [a Hermann von Ihering], Boa Vista, 15/04/1907. APMP/FMP, Série Correspondência.

26 Para considerações interessantes sobre os equipamentos demandados pelas práticas da História Natural, ver LARSEN, 1996.

27 Carta, em alemão, de Ferdinand Schwanda [a Hermann von Ihering], Miritiba, 27/09/1907. APMP/FMP, Série Correspondência.

28 Carta em alemão, com tradução, de Ferdinand Schwanda [a Hermann von Ihering], Miritiba, 29/01/1909. APMP/FMP, Série Correspondência.

29 Carta em alemão, com tradução, de Ferdinand Schwanda [a Hermann von Ihering], Miritiba, 07/04/1909. APMP/FMP, Série Correspondência.

Considerações finais

As relações travadas com o diretor do Museu Paulista adquirem papel fundamental para o desenvolvimento das atividades de Schwanda. Seja para obter os suprimentos imprescindíveis para suas atividades, seja para remeter seus produtos para os compradores europeus, a colaboração de Hermann von Ihering será de suma importância para viabilizar o estabelecimento de Schwanda no Brasil.

Além disso, ao intermediar os contatos com negociantes sediados na Europa, Ihering se torna peça chave na integração de Schwanda às redes internacionais de comércio de espécimes que conectam instituições científicas, revendedores e coletores espalhados pelo mundo. É por meio dessas redes de comércio de espécimes que os museus conseguiam obter os artefatos necessários às suas atividades científicas e expositivas; e são elas, igualmente, que viabilizavam a atuação de caçadores como Ferdinand Schwanda em diversas partes do mundo.

Ao enfocarmos, neste artigo, Ferdinand Schwanda e suas atividades de caça e comércio de espécimes científicos, foi possível visualizar o funcionamento de um sistema de trabalho estabelecido por Hermann von Ihering com vistas a ampliar as coleções da instituição a qual dirigia. Além disso, consideramos que o foco adotado permitiu observar aspectos importantes dos artefatos, práticas e sociabilidades que possibilitaram o desenvolvimento de conhecimentos científicos sobre o mundo natural no período em questão.

221

Referências bibliográficas

ALVES, Ana Maria de Alencar. *O Ipiranga apropriado: ciência, política e poder: o Museu Paulista, 1893-1922*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2001.

_____. *Redutos da ciência na “era dos museus”: Inglaterra, França, Estados Unidos e Brasil*. São Paulo, 2004. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

BARROW, Mark V. The Specimen Dealer: Entrepreneurial Natural History in America’s Gilded Age. *Journal of the History of Biology*, 33, 3, 2000, pp. 493-534.

DUARTE, Regina Horta. Pássaros e cientistas no Brasil: Em busca de proteção, 1894-1938. *Latin American Research Review*, 41, 1, 2006, pp. 3-26.

ELIAS, Maria José. *Museu Paulista: memória e história*. São Paulo, 1996. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade

de São Paulo.

GROLA, Diego Amorim. O comércio de espécimes na formação das coleções de História Natural do Museu Paulista, 1894-1916. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE HISTÓRIA DA CIÊNCIA E DA TECNOLOGIA, 13, 2012, São Paulo, *Anais...* São Paulo: FFLCH/USP, 2012, pp. 800-817. Disponível em: <http://www.13snhct.sbhc.org.br>. Acesso em: 07 nov. 2012.

HELLMAYR, Carl E. *A contribution to the ornithology of northeastern Brazil*. Chicago: Field Museum of Natural History, 1929 (Zoological Series, 12, 18).

IHERING, Hermann von. Os bugios do gênero *Alouatta*. *Revista do Museu Paulista*, 9, 1914, pp. 231-2565.

LARSEN, Anne. "Equipment for the field". In: JARDINE, N.; SECORD, J. A. & SPARY, E. C. (eds.). *Cultures of natural history*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996, pp. 358-377.

LOSANO, Mario G. Um precursor da ecologia no Brasil: Hermann von Ihering. Trad. Giacomina Faldini. *Revista USP*, 13, 1992, pp. 88-99.

LOPES, Maria Margaret. *O Brasil descobre a pesquisa científica: os museus e as ciências naturais no século XIX*. São Paulo: Hucitec, 1997.

MORAES, Fábio Rodrigo. Uma coleção de história em um museu de ciências naturais: o Museu Paulista de Hermann von Ihering. *Anais do Museu Paulista*, nova série, 16 (1), jan-jun. 2008, pp. 203-233.

PODGORNY, Irina. Mercaderes del pasado: Teodoro Vilardebó, Pedro de Angelis y el comercio de huesos y documentos en el Río de la Plata, 1830-1850. *Circumscribere: International Journal for the History of Science*, 9, 2011, pp. 29-77.

REILING, Henri e SPUNAROVÁ, Tat'jana. Václav Frič (1839–1916) and his influence on collecting natural history. *Journal of the History of Collections*, 17, 1, 2005, pp. 23-43.